

A VOZ DO OPRIMIDO ATRAVÉS DA PERSONAGEM CALIBAN NA OBRA *TODO CALIBAN* DE ROBERTO FERNÁNDEZ RETAMAR

JOSINALDO OLIVEIRA DOS SANTOS¹

Resumo

Esta apresentação mostra uma aproximação crítica sobre o personagem Caliban, na obra *Todo Caliban*, de Roberto Fernández Retamar. O trabalho tem como objetivo central a temática sobre a voz do oprimido através da identidade latino-americana. Foi fundamentado através dos seguintes teóricos: Quijano (2014), Retamar (1988, 2004), Ribeiro (1988) e Rodó (1991). Foi utilizada uma pesquisa bibliográfica para buscar as respostas. Os resultados dessa análise permitem concluir que: 1) Caliban é um símbolo literário que se comporta, no processo de resistência contra o opressor, valores sociopolíticos; 2) Caliban é utilizado para criticar o trato dispensado às minorias étnicas por parte de quem está no poder; 3) a literatura é o meio empregado nessa obra, *Todo Caliban*, para problematizar alguns aspectos sociais que foram motivo de preocupação por séculos; 4) A obra mostra valorações sociais, políticas e culturais desenhadas entre as linhas defendidas por Retamar.

Palavras-chave: Oprimido. Caliban. Identidade.

¹ Professor da Universidade do Estado do Piauí-UESPI. email: donjosinaldo@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este artigo mostra uma aproximação crítica sobre o personagem Caliban, na obra *Todo Caliban*, de Roberto Fernández Retamar. O trabalho tem como objetivo central a temática sobre a voz do oprimido através da identidade latino-americana. Foi fundamentado através dos seguintes teóricos: Quijano (2014), Retamar (1988, 2004), Ribeiro (1988) e Rodó (1991).

Foi utilizada uma pesquisa bibliográfica para buscar as respostas. A problemática que será discutida é a seguinte: 1) O personagem Caliban utiliza de resistência contra o opressor e usa valores sócio-políticos? 2) Questiona a maneira como as minorias étnicas são tratadas por quem estar no poder? 3) O autor de *Todo Caliban* questiona em sua obra alguns aspectos sociais? 4) Na obra *Todo Caliban*, de cunho de resistência étnica, aborda valores sociais, políticos e culturais?

A obra condensa com grande destreza, lucidez e capacidade de síntese todo uma discussão de pesquisa, reflexão e debate sobre a nossa cultura, nossas raízes e nosso horizonte político, esboçado a partir de uma visão anti-imperialista e anticapitalista.

Uma das principais virtudes dessa obra reside em seu questionamento sem nenhuma ambiguidade do eurocentrismo e a cultura especular que para poder sobressair deve refletir passivamente os brilhos, as luzes, as normas e critérios de consagração, as categorias do olhar europeu. Se existe um tipo de intelectual que recebe um golpe fulminante na escrita de *Todo Caliban* é o intelectual que fala pelo o outro e o defende, que move os braços, a boca e o discurso com voz própria ou ao menos reproduzindo uma voz não alheia, sendo a voz do colonizado.

Retamar se coloca entre os intelectuais latino-americanos que realizaram um grande esforço cultural para demonstrar o desenvolvimento crescente desse processo com um fim de descolonização. Ele assume uma postura crítica sobre a visão homogeneizadora da cultura que historicamente utilizaram os países desenvolvidos, porque seria cair em posições favorecedoras de velhas e novas tentativas colonizadoras.

2. O DEBATE PÓS-COLONIAL

O debate pós-colonial sobre a América Latina tem uma dupla genealogia e até hoje suscita desconfiança e resistência. A partir da década de 1960, pelo menos, a preocupação pela liberação econômica e social dentro

do nosso continente levou a examinar o passado colonial e suas consequências na vida moderna para entender melhor as possíveis soluções ao racismo, a exploração econômica e a dependência política dos países da região. Enquanto, com a crise dos estudos disciplinares pela academia europeia, ou seja, com a constituição do pós-estruturalismo e do pensamento pós-moderno como novos paradigmas de pesquisa e reflexão.

Análise do mundo latino-americano adquiriu um maior dinamismo e logrou em quadros comparativos com outras regiões do mundo, especialmente na África e no sudeste asiático, que tinham sofrido suas próprias experiências coloniais e conquistou assim mesmo sua independência política, embora geralmente em meados do século XX, a diferença da América Latina, que conseguiu sua independência no início do século XIX.

A crise das disciplinas acadêmicas e o questionamento da autoridade epistemológica começou a dar nas instituições europeias, sobretudo as francesas, a partir da rediscussão do sujeito humano ocidental já não como objeto de atenção e medida universal do mundo, senão como parte de um cenário maior em que outros processos tomam lugar protagônico. Os importantes trabalhos de Michel Foucault e Jacques Lacan foram mostra de uma ruptura disciplinária que transcendia os métodos e concepções das disciplinas influenciadas pelo estruturalismo e sua visão compartilhada de seus objetos de estudo.

Assim, Foucault, por exemplo, mostrou que cada disciplina criava seu próprio estudo e que, portanto, os discursos científicos ou supostamente objetivos, sobretudo nas ciências humanas e nas ciências sociais, eram rebatidos e transformáveis. Paralelamente, a aparição dos estudos culturais feita pela academia inglesa na mesma década de 1960 abriu o caminho para o debate dos cânones culturais para prestar maior atenção à produção popular e os meios de comunicação social.

3. A OPRESSÃO COMO FORMA DE ESTAGNAÇÃO INTELLECTUAL

Logo no início do livro *Todo Caliban*, Retamar colocou uma entrevista que deu a um jornalismo europeu, de esquerda, que faz a seguinte indagação:

UN PERIODISTA EUROPEO, de izquierda por más señas, me ha preguntado hace unos días: “¿Existe una cultura latinoamericana?”. Conversábamos, como es natural, sobre la reciente polémica en torno a Cuba, que acabó por enfrentar,

por una parte, a algunos intelectuales burgueses europeos (o aspirantes a serlo), con visible nostalgia colonialista; y por otra, a la plana mayor de los escritores y artistas latinoamericanos que rechazan las formas abiertas o veladas de coloniaje cultural y político. La pregunta me pareció revelar una de las raíces de la polémica, y podría enunciarse también de esta otra manera: “¿Existen ustedes?” (RETAMAR, 2004, p. 19)

Compreendendo o fenômeno pertinente ao lugar de Caliban dentro do mundo acadêmico poderíamos nos perguntar de que maneira a produção literária latino-americana retoma esta representação de si mesma para, ao praticar esses espaços, situar-se dentro de um mundo marcado pelas correntes migratórias.

A partir dos anos 80 a cultura latino-americana volta à figura de Caliban como estratégia para entrar no mercado da arte e de passagem revitalizar, armados da pertinente carga de experiências periféricas, o imaginário de uma cultura ocidental agônica. Em uma interpretação de Caliban, nada alheia à postura pós-colonial, para a qual este personagem é sinal de resistência. Seguindo esta lógica, sua inserção como objeto de mudança na dinâmica do mercado denota fraqueza e traição. Curiosamente, dita fraqueza ocorre no momento em que Caliban toma para si aqueles traços da barbárie que significaram o fundamento ou de sua exclusão ou de sua entrada a uma outra modernidade.

Porque o olhar daquela tentativa se separa das convicções logocêntricas e eurocentristas. Porém, sobretudo, porque o escritor cubano se distancia da crença em um cânon quase sagrado como fundamento da cultura ocidental. O ponto é a estratégia de inserção de Caliban dentro da cultura ocidental e a maneira em que se junta às polêmicas acerca da identidade, a modernidade e o mercado.

O pós-colonial como um fenômeno discursivo estratégico, como resultado de um pensamento pós-moderno e pós-estruturalista. Assim, trata-se de uma reescrita do discurso do centro e além disso de uma reescrita do discurso da periferia, de um contra-discurso como discurso subversivo, de reflexão e de tipo crítico, criativo, híbrido, heterogêneo.

A periferia, por seu caráter subalterno, nunca pode fazer a história e por isso somente ficaram duas opções: por um lado o isolamento e a resistência, e por outro a aceitação reprodutora. A questão da identidade é um aspecto muito importante na cultura latino-americana, e o problema de identidade é ao fim uma reclamação de ser reconhecido, de obter uma voz e um espaço.

O pós-colonialismo é uma reação e resistência diante à colonização, ao etnocentrismo, ao eurocentrismo, à hegemonia cultural, e trata de construir e estabelecer uma identidade latino-americana. No entanto, este não é um problema próprio da região, senão um problema eterno até hoje. De todas formas se replanejou no nosso continente e outras partes do mundo no final do século XX, como reação aos fenômenos de globalização.

A literatura é uma ferramenta para interpretar, porém também reescrever a história, ou seja, que a literatura interage com a realidade. Seja real ou fictícia toma parte da história e reflete discursos literários, políticos, econômicos e culturais, mas também os utiliza e os modifica. Dentro de cada discurso um autor tem o poder de definir a realidade e escrever a história, no entanto a literatura, por ser ficção, pode tomar papel como contrapartida do poder. Tradicionalmente, foi o mundo ocidental o que possuiu o poder de escrever a história e definir o desenvolvimento da mesma e por isso a história sobre o terceiro mundo, em grande parte, está escrita por um operador externo.

Quijano (2014, p. 759) declara que

Como los vencedores fueron adquiriendo durante la Colonia la identidad de "europeos" y "blancos", las otras identidades fueron asociadas también ante todo al color de la piel, "negros", "indios" y "mestizos". Pero en esas nuevas identidades quedó fijada, igualmente, la idea de desigualdad, concretamente inferioridad, cultural, si se quiere "étnica".

Conforme o que foi citado por Quijano, a violência epistêmica, orquestrada, estendida e heterogênea estratégia de construir o sujeito colonial como outro, é parte dessa maneira de controlar ao subordinado sem violência física, senão através das mentes dos colonizados.

As consequências diretas da colonização são conhecidas, tanto as culturais, como as econômicas e as sociais, mas as consequências ao longo prazo e as derivadas da descolonização ficaram mais na sombra. Com o pós-colonialismo, as consequências pessoais dos colonizados receberam mais atenção e essas teorias investigam como a história criou identidades pós-coloniais, as quais estão em contraste com as identidades do poder. Podemos ver uma segunda colonização que toma lugar na mente e consiste em controlar a consciência dos colonizados e alterar sua cultura para sempre. Estas relações de poder influem em toda a sociedade e constroem superiores e subalternos em todos níveis. Trata da identidade masculina por cima da feminina, os adultos por cima das crianças, e o moderno ou progressivo por cima do tradicional ou selvagem por exemplo.

4. PROCESSO DE RESISTÊNCIA CONTRA O OPRESSOR

Podemos discutir as dificuldades de representação de identidade e que efeitos a representação pode ter, fazendo diferença entre a representação como falar a favor de, como na política, e representação como representação, na filosofia ou na arte e se embasa nessa perspectiva em sua análise das possibilidades dos subalternos de ser escutados, discutindo o aspecto de gênero na colonização.

Há uma ideia sustentada pelos colonizadores que para ser escutado o subalterno tem que ser acessível ao primeiro mundo e se ajustar ao idioma do poder, ou seja, o idioma institucionalizado. No entanto, há um problema no paradoxo que quando chega lá, o sujeito já não é marginalizado, e tampouco subalterno, e por isso já não pode falar a favor do grupo, mas simplesmente como uma representação. Os intelectuais por isso não devem, nem podem, falar pelo subalterno porque isso reforça sua identidade como subalterna ou marginalizada.

Stuart Hall dispõe em suas obras ferramentas para identificar identidades e analisá-las, tanto no processo de controlar ou exercer poder, como para fazer resistência. Seu conceito de fixidez é útil para categorizar e generalizar os personagens selecionados, para depois analisar seu papel na resistência contra essas representações.

Darcy Ribeiro (1988, p.7), afirma que Retamar “encarna a consciência crítica latino-americana como cubano assumido, martiniano professo e fidelista fiel”.

Ele mostra uma importante contribuição ao desenvolvimento de uma cultura de resistência latino-americana, pela transcendência que dele se adquire uma visão crítica da história e a cultura no continente.

Caliban responde a uma necessidade de autodefinição associada aos grandes relatos embasados na ruptura frente ao que se considerava ingerência de alguém de fora. Nesse negociar os contornos de um **eu** diferenciado e diferenciável do poder - e do passado - colonizador e/ou imperialista, América Latina não somente assumiu a construção de um ser nacional, senão também a construção de um **nós** (essa América da que falava o pensador cubano José Martí), marcada pela tensão entre o desejo de independência e a vontade de modernização.

Nesse duplo impulso de unificação para o interior e diferenciação frente ao exterior, dito paradigma poderia aparecer como unívoco e estável passar por alto, e incluso desacreditar, as narrativas de descolocadas e hibridação que levava consigo. A busca de um espaço próprio foi dada

uma postura que vê na diferença um sinal de degradação e de incapacidade para a (auto)definição, não é menos certo que a produção literária latino-americana enfrentou esta recusa tentando uma e outra vez, assumindo que o afora é parte constitutiva do adentro, reconstruir seu território.

Atualmente resulta inegável que o mesmo Caliban é, e não só no interior do drama de Shakespeare, uma figura deslocada. Sua origem é tão ocidental como o mesmo Próspero ao que se lhe opôs. É nessa assimilação consciente dos múltiplos deslocamentos do sujeito pós-colonial e subalterno. Desde suas diferentes constituições narrativas se enfrentam à problemática da construção de um **eu** não tanto fixando os traços, mas partindo de uma prática do espaço. E sobre esse território do **eu**, território que é múltiplo, instável e intersticial, aparecerão as vozes desse subalterno que é, em concordância com seu lugar, dialógico, híbrido e nômade.

Caliban representa o símbolo do utilitarismo norte-americano. Segundo Rodó (1991, p. 70):

Imita-se aquele em cuja superioridade ou prestígio se acredita. É assim que a visão de uma América **deslatinizada** por vontade própria, sem a extorsão da conquista e logo regenerada a imagem e semelhança do **arquétipo** do norte, paira sobre os sonhos de muitos sinceros interessados em nosso porvir.

Suas múltiplas ambivalências poderiam ser relacionadas com uma reescrita do caráter ambíguo de Caliban, poderiam ser também, em sua insistência nos elementos discordantes, uma forma de resistência aos mecanismos de equalização do mercado. Ao construir um terceiro espaço retomam esse lugar, que é no fundo a história da América-Latina, que o ato de assimilação ou de exclusão deixaram pendente.

5. A VOZ DO OPRIMIDO ATRAVÉS DA LITERATURA

A interpretação retamariana da obra *Tempestade*, de Shakespeare, conduz à formulação de um enorme programa político-cultura, Caliban seria a expressão simbólica do povo mestiço, branco, negro e índio da América Latina contrário ao imperialismo de todo tipo de sujeição colonial.

Para Retamar (1988, p. 29)

Nosso símbolo, então, não é Ariel, como pensou Rodó, mas Caliban. Isso se torna particularmente claro para nós mestiços que habitamos as mesmas ilhas onde habitou Caliban: Próspero invadiu as ilhas, matou os nossos

antepassados, escravizou Caliban e lhe ensinou sua língua para poder se entender com ele.

De acordo com o autor não existiria sujeito popular diferente ao expressado na rebelião violenta desse escravizado mal formado (padrões europeus) e nem tampouco outra atitude possível para o intelectual latino-americano que a da solidariedade incondicional com o mesmo. Não teria lugar para o humanismo abstrato de Ariel.

A preocupação discutida pelo autor cubano desde o primeiro momento é a de definir em que se fundamenta a identidade cultural da América Latina. Para ele, enquadra o debate no espaço mais amplo durante o ciclo da sustentação colonial de grande parte do mundo pelas potências industriais do Norte e, finalmente, pelos Estados Unidos.

Ele distingue a América Latina daqueles espaços geográfico-culturais que, como a Ásia, tendo uma identidade formada antes da chegada dos europeus, teriam embasado sua luta anticolonial na recuperação de suas culturas, como da África, que sofreu a violência escravista, se estaria, então, liberando mediante a negação total dos padrões europeus.

Conforme Retamar, América Latina tem a particularidade de ter nascido mestiça, como resultado de uma mistura étnica e cultural fomentada pelas condições da colonização e a dependência posteriores.

O que primeiro une à América mestiça é o idioma herdado dos colonizadores espanhóis e portugueses. Esta particularidade da parte do continente levou a José Martí a chamá-la de **Nossa América**: mestiça de nascimento, porém com a fala das duas potências coloniais.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões foram mostradas para encarar novamente a tarefa de fundamentar o sujeito simbólico da cultura latino-americana. Retamar nos propôs a secessão dos valores universais; a ditadura dos meios globalizados nos propõe esquecer nossa particularidade.

Somente o reconhecimento de nossa heterogeneidade e nossa subordinação nos permitirá formarmos uma imagem verídica de nós mesmos. Também a cultura globalizante hegemônica pode desse modo resultar liberada de seus próprios fantasmas.

A análise do que foi passado nesse artigo permite concluir que: 1) Caliban é um símbolo literário que se comporta, no processo de resistência contra o opressor, valores sociopolíticos; 2) Caliban é utilizado para criticar o trato dispensado às minorias étnicas por parte de quem está no poder;

3) a literatura é o meio empregado nessa obra, *Todo Caliban*, para problematizar alguns aspectos sociais que foram motivo de preocupação por séculos; 4) A obra mostra valorações sociais, políticas e culturais desenhadas entre as linhas defendidas por Retamar.

RESUMEN

Esta presentación muestra una aproximación crítica sobre el personaje Caliban, en la obra *Todo Caliban*, de Roberto Fernández Retamar. El trabajo tiene como objetivo principal la temática sobre la voz del oprimido a través de la identidad latinoamericana. Fue basado en los siguientes teóricos: Quijano (2014), Retamar (1988, 2004), Ribeiro (1988) e Rodó (1991). Fue utilizada una investigación bibliográfica para encontrar las respuestas. Los resultados de este análisis permiten concluir que: 1) Caliban es un símbolo literario que se comporta, en el proceso de resistencia contra el opresión, los valores sociopolíticos; 2) Caliban es utilizado para criticar el trato dado a las minorías étnicas por parte de quien está en el poder; 3) la literatura es el medio empleado en esta obra, *Todo Caliban*, para problematizar algunos aspectos sociales que fueron motivo de preocupación por siglos; 4) la escritura literaria muestra las valoraciones sociales, políticas y culturales dibujadas entre las líneas defendidas por Retamar.

Palabras-clave: Oprimido. Caliban. Identidad.

REFERÊNCIAS

QUIJANO, Aníbal. **Cuestiones y horizontes:** de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder. Buenos Aires: Clacso, 2014.

RETAMAR, Roberto Fernández. **Caliban e outros ensaios.** Trad. Maria Elena Matte Hiriart e Emir Sader. São Paulo: Busca Vida, 1988.

_____. **Todo Caliba.** Buenos Aires: Clacson, 2004.

RIBEIRO, Darcy. Prefácio. In:___ **Caliban e outros ensaios.** Trad. Maria Elena Matte Hiriart e Emir Sader. São Paulo: Busca Vida, 1988.

RODÓ, José Enrique. **Ariel.** Trad. Denise Bottman. Campinas: EdUnicamp, 1991.